

8. CONCLUSÃO

O homem lança, às vezes, um olhar maldoso sobre as boas coisas da vida, querendo construir um caminho só para si diante do bem que vem de Deus. O egoísmo sempre trai o impulso generoso de Deus. Crescem juntos o trigo e o joio até a hora da colheita quando, então, far-se-á a separação. O joio será queimado e o trigo guardado nos celeiros. Abandonam-se as máscaras, aparece a verdadeira personalidade.

O homem é um feixe de bem e de mal, uma mistura de espigas de trigo e de joio que se entrelaçam a vida toda. É como um pé de planta-ção que se bifurca, fazendo surgir o propósito de ser bom e, ao mesmo

tempo, o impulso de incontida vaidade que promove o desejo do mal. Mas, Deus não criou ninguém, moralmente, bom ou ruim. As oportunidades existem assim como o dom da liberdade. A história do joio é como se alguém tirasse a tampa dessa *caixa de surpresas* que é o homem. O Bem e o Mal, convivendo na mesma realidade, decidindo o amanhã do homem.

Jeni Bertoni Nimtz é Licenciada em Letras pela UNICID, Bacharel em Teologia e Mestranda em Estudos Bíblicos na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

A ECLESIOLOGIA NAS CARTAS DE SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA

Susana Alves da Motta

As cartas de Santo Inácio de Antioquia não são um recurso literário para divulgar uma mensagem ou transmitir idéias sistematizadas. São, efetivamente, cartas dirigidas a destinatários concretos¹, com espontaneidade e informalidade próprias de uma verdadeira carta, onde se misturam temas de doutrina, pastoral, catequese e mística. Por isso encontramos esparsos, em diversos textos, temas repetidos, os preferidos pelo autor, aqueles que diziam respeito, diretamente, às comunidades e às convicções quanto à doutrina e modo de vida dos cristãos diante das tentações da época: os judaizantes e os gnósticos. Santo Inácio não foge das controvérsias com os docetas (Esm 1,2,3 e 5) e com os judeus (Mag 8,1 e 10,3).

É em Santo Inácio de Antioquia que vamos encontrar os neologismos da época: *cristianismo* (Mag 10,3; Rm 3; Fl 6,1) e *católica* como qualificativo da Igreja (Esm 8,2).

Encontramos em Santo Inácio fórmulas precisas de um Credo antes das formulações dogmáticas fixadas pelos Concílios, em Tralia-

nos 9 e Esmirneses 1. Nas cartas Efésios (9,1) e aos Magnésios (13,1-2) já aparecem algumas afirmações trinitárias, embora não muito claras nem muito freqüentes..

O tema que mais se destaca nas cartas de Santo Inácio é a *Eclesiologia* com atenção especial para a *hierarquia*. Ele usa a palavra *Bispo* 60 vezes, a palavra *presbítero* 20 vezes e a palavra *diácono* 15 vezes, sendo que 13 vezes aparece a hierarquia toda reunida.

O valor atual da eclesiologia de Santo Inácio pode ser medido pelo número de vezes que é citado pela Constituição Dogmática *Lumen Gentium* do Concílio Ecumênico Vaticano II (17 vezes) e no Catecismo da Igreja Católica (19 vezes). É também o Concílio que restaura o uso da palavra presbítero no mesmo sentido que a emprega Inácio, isto é, como colegiado sintonizado com o Bispo (Ef 4,1; 5,1; Mag 6,1-2; Tral 2,3 e 7; Esm 8 e 12; Pol 6). Diz Santo Inácio: “*esforçai-vos por fazer tudo na harmonia de Deus, sob a presidência do bispo em lugar*

¹ As sete cartas de Santo Inácio de Antioquia foram dirigidas às comunidades de Éfeso, Magnésia, Trales, Roma, Filadélfia e Mirna. A última é dirigida a Policarpo.

de Deus e dos presbíteros em lugar do colégio dos apóstolos e dos diáconos..." (Mag 6,1).

O presbitério é sempre considerado um grupo de presbíteros, unidos na fé e na caridade. Toda a comunidade deve estar submissa ao bispo e ao presbitério: "...reunidos em uma só submissão, sujeitos ao bispo e ao presbitério, vos santifiqueis em todas as coisas" (Ef 2,2). No mesmo sentido em Ef 20,2; Mag 7,1; 13,1-2; Fl intr. 2,3,4,7,8; Esm 8,9 e 12; Pol 6, não cansa de repetir: "apegai-vos ao bispo, ao presbitério e aos diáconos... nada façais sem o bispo!".

Há quem identifique, na carta aos romanos, um sinal da primazia da Igreja de Roma sobre as demais pelo emprego da palavra *preside* duas vezes na introdução. A Constituição *Lumen Gentium* cita precisamente este texto para fundamentar o primado de Pedro sobre toda a Igreja Católica (LG 13). Do mesmo texto se serve o Catecismo da Igreja Católica (n. 834). Diz Inácio: "...ela que também preside na região da terra dos romanos... e que preside à caridade na observância da lei de Cristo..." (Rm, intr.).

Na Carta aos Romanos, Inácio não faz referência direta ao bispo nem qualquer outra pessoa em particular. É estranho que não faça nenhuma recomendação de obediência ao bispo e de união ao presbitério. O que

faz é referir-se a Pedro e Paulo, apóstolos, testemunhando a autoridade deles sobre a Igreja de Roma, o que sugere a presença de ambos naquela cidade (Rm 4,3).

A palavra *sacerdote* é usada apenas com relação ao Antigo Testamento e *sumo-sacerdote* para Cristo (Fl 9), quando deixa transparecer a compreensão da unidade da Igreja como povo de Deus, pela continuidade do Antigo e do Novo Testamento: *é Ele a porta para o Pai, pela qual entram Abraão, Isaac e Jacó, os profetas, os apóstolos e a Igreja. Tudo isso leva à unidade de Deus*" (Fl 9,1).

Na hierarquia eclesial Inácio coloca o bispo como representante do próprio Cristo (Ef 6,1; Mag 3,1) ou de Deus Pai (Mag 3,1; Tral 3,1). Se um é aquele a quem amamos como bispo pela carne, Jesus é o bispo segundo o Espírito (Ef 1,3). O bispo é o pastor (Fl 2,1). Aponta para a pessoa do bispo como sinal de unidade e responsável por ela (Pol 1). É ele quem dá legitimidade à celebração da Eucaristia (Mag 4,1; Ef 5 e 13; Fl 4,1; Esm 7 e 8; Pol 4). É sugestiva a expressão que usa na carta a Policarpo, exortando-o a viver em constante conversão, testemunhando a fé. São conselhos nos quais se identificam as características exigidas de um bispo: "...eu te exorto a acelerar ainda teu passo e a exortar também os outros para que se salvem. Justifica tua posi-

ção, empenhando-te todo, física e espiritualmente. Cuida da unidade... Promove a todos... suporta a todos com amor... Dispõe-te para orações ininterruptas; pede ainda maior inteligência do que já tens; sê vigilante... Fala a cada qual no estilo de Deus..." (Pol 1,2-3).

A Carta toda é um desenrolar de conselhos pastorais, dizendo como deve ser e o que deve fazer o bispo para o bem da Igreja: levar conforto aos doentes e trabalhar (1,3); ser doce, prudente, simples e sóbrio (2,1); não se abalar com os que ensinam o erro; ser firme, ser zeloso; suportar tudo e conhecer os tempos (3,1-2); atender as viúvas, estar presente na Eucaristia e não humilhar os escravos (4,1-3); não precisava ser celibatário (5,2); escolher mensageiros e representantes da comunidade em outras localidades (7 e 8).

A função do bispo é estar a serviço da comunidade (Fl 1,1). É ele quem preside a Eucaristia e o Batismo (Esm 8,1-2) e representa a comunidade (Esm 8,2).

Quanto aos presbíteros, assim como os bispos e diáconos, são instituídos por Cristo e, por sua vontade, fortalecidos no Espírito (Fl, intr.). Se, por um lado, são sujeitos ao bispo, por outro, a eles está sujeita a comunidade (Ef 2,2) porque são como o *Senado de Deus* e o *Colégio dos Apóstolos* (Tral 3,1): "*Sem eles não se pode falar de Igreja*" (Tral 2,1).

Junto com o bispo dão legitimidade à celebração da Eucaristia (Mag 7,1-2; Tral 7,2). Diz que é legítima apenas a Eucaristia presidida pelo bispo ou delegado seu (Esm 8,1), no entanto não diz quem pode ou deve ser delegado. Serão os presbíteros, os diáconos, ou ambos? É interessante notar que não menciona os presbíteros, nenhuma vez, sem o bispo.

Pelos textos temos a noção de que os presbíteros tinham sempre uma função colegiada. Descobrimos que o diácono é alguém muito próximo do bispo, que está sujeito a ele (Mag 2,1) com as funções que hoje poderiam ser as de um secretário: acompanha o bispo nas viagens (Fl 11,1; Esm 10,1; 12,1), colabora na pregação (Fl 11,1), serve de seu mensageiro (Esm 12,1 (chega a ser chamado de colega de serviço (Ef 2,1; Fl 4,1). Faz entender que o diácono atende a comunidade não no serviço social, mas no campo espiritual, quando distingue "*comidas e bebidas*" de "*servos da Igreja*": "*Faz-se igualmente mister que os que são diáconos dos mistérios de Jesus Cristo agradem a todos em tudo. Pois não é de comidas e bebidas que são diáconos, mas são servos da Igreja de Deus. Terão de precaver-se, pois, contra as acusações*" (Tral 2,3).

Podemos encontrar em Mag 6,1 uma idéia de que havia funções específicas do bispo, dos presbíteros e dos diáconos, no entanto não fica cla-

ro para nós o que seja *presidir* ou o que seja *encarregado do serviço de Jesus Cristo*: “*Esforçai-vos por fazer tudo na harmonia de Deus, sob a presidência do bispo em lugar de Deus e dos presbíteros em lugar do colégio dos apóstolos e dos diáconos, particularmente queridos, encarregados do serviço de Jesus Cristo...*”

Verifica-se que as funções ministeriais na Igreja primitiva não eram algo estático, mas iam se modificando à medida que as comunidades evoluíam. Nos Atos dos Apóstolos, os primeiros diáconos estavam a serviço das viúvas e da mesa (At 6,1,6), passando à pregação e à instrução (At 6,8; 8,26). No tempo de Santo Inácio tinham atribuições pouco semelhantes às atribuições dos diáconos de hoje. O autor das cartas não se cansa de enaltecer a figura do diácono, dando-lhe tal dignidade, que o inclui no mesmo grupo colegiado dos bispos e presbíteros, aconselhando que seja respeitado como o próprio Cristo (Tral 3). Hoje, o diaconato é uma etapa, uma pré-condição para se atingir o presbíterato. O *diaconato permanente*,

por sua vez, é considerado pelo senso comum como um ministério concedido ao leigo.

Finalmente, alguns textos revelam as dificuldades que havia nas relações internas dos membros da Igreja. Se Santo Inácio insiste tanto na unidade em torno do bispo, tema de todas as suas cartas com exceção da carta aos Romanos, é porque, certamente, nem todos estavam em harmonia. Se aconselha que se respeitem as limitações do bispo, pela pouca idade ou falta de eloquência é porque isso efetivamente acontecia. Se exorta à oração, à frequência a Eucaristia, é porque a realidade lhe inspira a necessidade de chamar a atenção sobre isso. Desde o início, portanto, apesar das dificuldades, podemos identificar na Igreja o empenho pela unidade, santidade, universalidade e apostolicidade².

Suzana Alves da Motta, Instituto de Teologia do Oeste (ITEO), Mato Grosso do Sul.

2. Foram utilizadas as seguintes obras: *Cartas de Santo Inácio de Antioquia*, Introdução, tradução do original grego e notas por Dom Paulo Evaristo Cardeal Arns, Vozes, Petrópolis 1984 e *Los Padres Apostólicos*, versão crítica do original grego, introdução e notas por Sigfrido Huber, Dedebeq, Buenos Aires 1949.

DISSERTAÇÕES E TESES DEFENDIDAS

CULTO A NOSSA SENHORA APARECIDA: UMA ANÁLISE HISTÓRICO-TEOLÓGICA-PASTORAL

Dissertação de Mestrado em Teologia Dogmática - 266 páginas

Pe. Manuel Quitério de Azevedo

O autor realiza um belíssimo trabalho, marcando o itinerário da imagem e do culto a Nossa Senhora Aparecida desde suas origens até os nossos dias, com uma apropriada pesquisa científica. Ressalta a importância da piedade mariana e seu significado para uma igreja toda comprometida com a causa dos pequenos, dos pobres e dos excluídos. Nesse trabalho, o leitor encontrará preciosas informações históricas bem como uma análise dos dogmas marianos em linguagem atualizada.

LA OBRA MISIONERA DE JUNIPERO SERRA SEGUN SUS CARTAS E INFORMES

Dissertação de Mestrado em Teologia Dogmática com concentração em Missiologia - 307 páginas

Frei César Humberto Flores Trejos OFM

Embasado em rica bibliografia, o trabalho discorre sobre a vida e obra missionária e etnográfica de Frei Junípero Serra em terras americanas (Califórnia). O autor nos mostra Frei Junípero como testemunha da fé em meio às culturas indígenas e propõe para hoje uma evangelização inculturada a partir do projeto histórico dos povos ameríndios.

A MULHER E SEU CORPO: MAGISTÉRIO ECLESIASTICO E RENOVAÇÃO DA ÉTICA

Tese doutoral em Teologia Moral - 202 páginas

Irmã Zilda Fernandes Ribeiro

A autora nos oferece uma visão nova sobre a corporeidade. O corpo e o sexo no contexto das ciências humanas na perspectiva feminista; o corpo, o sexo e a mulher no magistério recente da Igreja; a cidadania eclesial dos cristãos na Igreja Católica, são as grandes linhas que marcam a pesquisa com extrema profundidade e cientificidade. A tese propõe, como solução, pontos de partida para uma teologia da beleza do corpo, levantando questões relacionadas com um protagonismo ético e uma cidadania eclesial feminina, em vista do direito conferido pelo Batismo a todo cristão e a toda cristã.